

Apresentação

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2025.v31.49328>

Apresentação

Micro-história e saberes situados: colonialidade do poder e translocalidade

Presentation

Microhistory and Situated Knowledges: Coloniality of Power and Translocality

Presentación

Microhistoria y Saberes Situados: Colonialidad del Poder y Translocalidad

Hevelly Ferreira Acruche*

<https://orcid.org/0000-0003-4895-6629>

Robert Daibert Jr**

<https://orcid.org/0000-0003-4726-0339>

Este dossiê oferece uma oportunidade ímpar para refletirmos sobre os impactos da micro-história na historiografia contemporânea, sobretudo no que diz respeito aos seus diálogos com pesquisas que utilizam os conceitos de colonialidade e translocalidade. Os textos aqui publicados

* Professora de História da América na Universidade Federal de Juiz de Fora e no Programa de Pós-Graduação em História da UFJF. Formada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2010), Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense (2013) e Doutora em História pela mesma instituição, com bolsa de pesquisa concedida pela Capes. É autora do livro “A fronteira e as gentes: diplomacia, lealdades e soberanias no extremo sul da América ibérica (1750 - 1830)” (2019). Junto com Bruno Silva, organizou a coletânea “Continente Subversivo: história e historiografia das Américas” (2023). Faz parte do Laboratório de História Econômica e Social (LAHES) e do Grupo de Ensino e Pesquisas Americanistas (GEPAm). Contato: hfacruche@ufjf.br

** Professor Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde atua no Programa de Pós-graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em História pela UNICAMP. Doutor em História pela UFRJ. É membro do Laboratório de História Oral e Imagem/Afrikas (LABHOI/AFRIKAS-UFJF). Desenvolve pesquisa integrada ao Projeto Passados Presentes: memória da escravidão e do pós-abolição no Brasil, em uma rede de pesquisa que envolve o LABHOI/UFF, o Center for Latin American Studies da Universidade de Pittsburgh (CLAS-PITT-EUA) e também o Centre International de Recherches sur les Esclavages (CIRES) do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS/França). É autor de livros como: “Princesa Isabel entre o altar e o trono: catolicismo e abolicionismo no Projeto de Terceiro Reinado” (2023), “Religião e História do Brasil: estudos e pesquisas” (2024), entre outros. Contato: robert.daibert@ufjf.br

constituem um importante registro do amadurecimento intelectual e acadêmico da micro-história, após um percurso de mais de cinco décadas de trajetória.

Como um ponto de partida, é sempre oportuno recordar que a micro-história surgiu na década de 1970, na Itália, tendo alcançado maior projeção internacional a partir dos anos 1980. Os Estados Unidos, a França e a Inglaterra foram os primeiros países a adotar as estratégias metodológicas da micro-história como, por exemplo, a redução da escala de observação aliada à análise exaustiva de fontes, a opção por investigações detalhadas de pessoas anônimas ou grupos marginalizados e a influência da Antropologia na análise das relações entre os indivíduos e as suas comunidades. Também sob influência da Antropologia, a micro-história passou a problematizar a e investigar as dimensões culturais e simbólicas que permeiam as relações sociais e econômicas e que podem ser mais bem observadas em dimensões microscópicas.

Nas décadas seguintes, a micro-história passou a fornecer novas ferramentas metodológicas para análises qualitativas que privilegiavam a compreensão do social como um tecido em construção, no qual o detalhe e o singular das trajetórias individuais podem ser reveladores de dinâmicas não observadas nas narrativas que privilegiam a análise em escalas maiores. Esta mudança no jogo de escalas permitiu também investigações dedicadas à compreensão das respostas dadas pelas pessoas aos conflitos e tensões relacionados com as estruturas sociais e econômicas em que vivem, considerando também suas estratégias e negociações construídas em seus cotidianos nesses contextos. Assim, a micro-história consolidou-se como um caminho alternativo às narrativas nacionais que tendiam a homogeneizar os processos históricos, ignorando a diversidade das experiências sociais. Nesse sentido, foi possível observar nas experiências cotidianas sob escala reduzida, relações que envolviam questões de gênero, classe, raça ou religião, em dinâmicas locais de poder, em contextos em que era possível observar as estratégias construídas diante das normas impostas.

No Brasil, a partir da consolidação dos Programas de Pós-Graduação e da intensificação dos diálogos com a historiografia internacional, surgiram estudos influenciados pelos temas e metodologia da micro-história italiana. Muitas pesquisas, sobretudo aquelas dedicadas ao período colonial, passaram a investir na redução da escala de observação, na escolha de casos individuais e na escrita narrativa sob influência da Antropologia (Lino 2017, 86-94, 101-108). Em um primeiro momento, a historiografia brasileira apropriou-se da micro-história em abordagens culturais, voltadas para estudos que envolviam fontes inquisitoriais como, por exemplo, *O diabo e a terra de Santa Cruz* de Laura de Melo e Souza (1986) ou *Um herege vai ao paraíso*, de Plínio Gomes (1997).

A partir dos anos 2000, se por um lado a micro-história aprofundou seus diálogos interdisciplinares, por outro, foi desafiada pelo avanço das perspectivas da História Global. Haveria

uma contradição entre a análise micro-histórica e as perspectivas globais? A resposta a essa pergunta suscitou caminhos metodológicos distintos entre os historiadores (Carneiro 2022, 1039-1044) e, em paralelo, impulsionou e alimentou outros diálogos entre a micro-história e as novas tendências historiográficas do século XXI.

Nas décadas seguintes e ainda hoje, a micro-história progrediu ao incorporar ou aproximar-se das problematizações e dos questionamentos propostos pelos estudos decoloniais e outras abordagens que renovaram o campo historiográfico. Enquanto no século XX, a micro-história foi muitas vezes vista como uma estratégia de enfrentamento da crise dos paradigmas, no século XXI, o seu diálogo com os conceitos de colonialidade e translocalidade aponta caminhos alternativos e promissores para que possamos escapar aos vícios de uma História eurocentrada.

Nesse sentido, atualmente, a historiografia brasileira tem estabelecido um diálogo profícuo com a micro-história e seus aportes metodológicos. Sobretudo sob o ponto de vista da História Social, esse campo acadêmico está marcado por significativos trabalhos que abordam historicamente a cultura, o poder e mesmo a economia. Assim, historiadoras e historiadores produzem conhecimentos constituídos por discussões que problematizam as relações estabelecidas entre o micro e o macro, o geral e o particular, oferecendo novos ângulos de observação em outros jogos de escala. Estes resultados evidenciam possibilidades de pesquisas inovadoras em diálogo com conceitos como translocalidade, histórias conectadas, história comparada, estratégias e redes de indivíduos e grupos. Esses estudos consagram uma tradição de pesquisas atentas a trajetórias individuais e/ou coletivas, sem perder de vista a dimensão contextual e processual dos eventos.

De modo complementar, cresce também na historiografia uma grande preocupação com o lugar de enunciação do problema de pesquisa na construção do conhecimento histórico, relacionada à noção de colonialidade do saber (Lander, 2005; Achúgar 2006). De acordo com Maria Verónica Secreto, “pode-se escrever uma história em partes iguais, mas não uma historiografia em partes iguais” (Secreto 2014, 86). As fronteiras do conhecimento aparecem, assim, tensionadas pelas relações de poder, e tal desigualdade tanto na enunciação quanto na repercussão dos trabalhos acadêmicos remete ao que foi chamado de colonialidade do saber (Trouillot 1995; Haraway 1995; Lander 2005). Em muitos trabalhos, a noção de saberes situados aparece como condição para a universalidade e a metodologia da micro-história é empregada como estratégia para pensar contextos globais. Nesse exercício, a interseção dos conceitos de gênero, raça e classe contribui para a formulação de novas questões e reflexões sobre uma diversidade de temas antes negligenciados pelos estudos acadêmicos. Conceitos como translocalidade, associados a dimensão metodológica das histórias conectadas, da história comparada, do estudo de estratégias e montagem de redes de indivíduos e grupos traduzem a complexidade epistemológica que as relações humanas

assumiram nos diversos contextos históricos ao longo do tempo (Subrahmanyam 1997; Gruzinski 2001; Vendrame & Karsburg, 2023).

Partindo destas questões, em outubro de 2024, o Programa de Pós-Graduação em História da UFJF realizou um seminário com a proposta de refletir sobre as relações entre “Micro-História e saberes situados”. O evento, organizado pelos Laboratórios de História Econômica e Social (LAHES) e de História Oral e Imagem (Labhoi/Afrikas), promoveu diversas reflexões sobre a pertinência das interseções entre o micro e o macro, bem como a reflexão sobre os lugares de enunciação e de produção do conhecimento histórico. Inspirados neste seminário, abrimos a chamada para o dossiê “Micro-história e saberes situados” na Revista Locus, com o objetivo de publicizar artigos que tenham como norte a metodologia da micro-história e suas relações com os saberes situados, a problemática da colonialidade do poder e a pluralidade de contextos globais – coloniais, pós-coloniais e transnacionais.

As leitoras e leitores encontrarão neste dossiê artigos que dialogam com essas perspectivas.

Este número traz uma entrevista com Giovanni Levi, realizada pelas professoras Maíra Vendrame e Mônica Ribeiro de Oliveira. Neste precioso exercício de memória, o historiador partilha conosco aspectos importantes de sua experiência familiar, sua infância no contexto do fascismo e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a sua formação educacional e acadêmica, sua visão de história, sua paixão pela micro-história, sua relação com o Brasil e com a América Latina.

De modo complementar, encontra-se também transcrita a conferência proferida pelo professor Giovanni Levi, no âmbito da aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em História da UFJF e das comemorações de seus 20 anos de existência, tratou da publicação de seu livro *Centro e Periferia de um Estado Absolutista*, traduzido do italiano para o português. Publicado em 1985, mesmo ano de lançamento de sua clássica obra *A herança imaterial*, Levi nos impulsiona a refletir sobre as potencialidades e limites da micro-história, bem como o papel do historiador em contextos de politização da vida e do “presentismo excessivo”, e nos convida a produzir novas perspectivas e métodos. Em outras palavras, o historiador nos brindou com a reflexão sobre a *Global History* e a Micro-História em caráter crítico, evidenciando que a construção da história enquanto ciência não é feita de uma coisa ou outra, de um método ou outro.

O artigo “Espaço, interdependência e morfologia nas reflexões de Maurizio Gribaudi”, escrito por Deivy Ferreira Carneiro, analisa a produção do micro-historiador italiano Maurizio Gribaudi, discípulo de Giovanni Levi, a partir de uma abordagem cronológica e genealógica da sua obra, com o intuito de identificar e demonstrar o desenvolvimento da temática espacial e o seu impacto nos resultados das suas análises. O texto analisa a forma gradual como o referido historiador passou a utilizar métodos e técnicas de análise de sistemas complexos que envolvem a

noção de espaço nas relações entre os níveis local e global. A sua originalidade reside sobretudo no fato de considerar a noção de espaço como consequência de complexos processos sociais, constituindo-se ao mesmo tempo como produto da sociedade e como obra da sua história.

Em seguida, o artigo “Micro-história socioespacial: práticas, saberes e territórios no debate historiográfico italiano”, de Maíra Vendrame, investiga de que forma a dimensão socioespacial foi incorporada nos artigos publicados na revista *Quaderni Storici*, entre as décadas de 1970 e 2000, na Itália. O texto destaca a importante contribuição de Edoardo Grendi para uma nova abordagem da história local, baseada na microanálise e na interpretação topográfica das fontes. Merece destaque sua compreensão de território como construção social em constante disputa. O artigo proporciona uma reflexão aprofundada sobre a proposta e os seus aspectos metodológicos, oferecendo uma contribuição significativa para a discussão proposta pelo dossiê.

O artigo “Ensaio de micro-história em José Saramago”, de autoria de Daniel Vecchio Alves, examina a obra de José Saramago em diálogo com as concepções da micro-história italiana. O foco recai principalmente sobre os modos de representar as interações entre as perspectivas macro e micro dimensionais na elaboração de uma ficção vista de baixo. O artigo aborda também as divergências e convergências entre a narrativa produzida pelo escritor português e a micro-história nas formas de representar o cotidiano em escala pormenorizada. O artigo traz uma reflexão interessante e uma contribuição significativa para a compreensão das relações entre História e Literatura.

O artigo “Que só os casados possam entrar na governança das câmaras das vilas”: enlaces matrimoniais em uma freguesia mineira no século XVIII”, escrito por Carla Carvalho de Almeida, aborda questões vinculadas às relações estabelecidas entre os sujeitos nas Minas no âmbito dos casamentos. No decorrer do texto, outras questões de investigação aparecem ao abordar o papel de mulheres de cor na construção destas relações e na execução desses enlaces. Há uma alusão importante às escolhas dos indivíduos no âmbito da sociedade escravista colonial, bem como as estratégias adotadas para um manejo de possibilidades para os mesmos. Do ponto de vista micro-histórico, a reflexão exposta no texto potencializa as possibilidades de interlocução entre estudos de caráter regional e de recortes mais amplos que enfatizam as relações materiais e culturais expressas, respectivamente, em torno da transmissão patrimonial e da moralidade, bem como os papéis de gênero na sociedade colonial.

Desta forma, os textos reunidos neste dossiê ensejaram um debate renovado em torno da micro-história como exercício metodológico em conexão com os contextos sociais e políticos mais amplos. Além disso, nos permitem pensar a potencialidade dos diversos lugares de enunciação da construção de questões e problemas de pesquisa, bem como do conhecimento científico no tempo

presente. Num contexto em que somos apanhados pelo presentismo e pela velocidade das interações sociais, os textos aqui publicados nos dão uma mostra dos avanços e limites do uso da micro-história, da *Global History* e da interseção com os chamados saberes situados e os locais de enunciação de onde partem e para onde vão os projetos de pesquisa.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Referências bibliográficas:

Achúgar, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

Carneiro, Deivy Ferreira. “Micro-história e história global: decifrando os procedimentos literários e filológicos na contribuição de Carlo Ginzburg para o debate historiográfico”. *Topoi*, 23, n. 51 (2022): 1037-1058.

Gomes, Plínio Freire. *Um herege vai ao paraíso: cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Gruzinski, Serge. “Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*”. *Topoi* (2001): 175-195. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/SyxTynYw6ZqQ6cQXYvyYYBj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 16 jan. 2025

Haraway, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu*, n. 5 (1995): 7-41. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773> . Acesso em 14 jan. 2025.

Lander, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires, 2005.

Lino, Raphael Cesar. “Apropriações da micro-história na historiografia brasileira nas décadas de 1980 e 1990”. Dissertação de Mestrado, Assis, Universidade Estadual Paulista, 2017.

Secreto, Maria Verónica. Histórias conectadas, histórias integradas: Brasil e Argentina em busca de um terceiro no século XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 34, n. 68 (2014): 83-99. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882014000200005> Acesso em 3 jan. 2025.

Souza, Laura de Mello. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Subrahmanyam, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*. 31, n. 3 (1997): 735-762. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/312798>. Acesso em 3 jul. 2025.

Trouillot, Michel Rolph. *Silenciando o passado*. Poder e a construção da história. Curitiba; Huya, 2016.

Vendrame, Máira Ines e Alexandre Karsburg (org.). *Territórios da história: o micro, o local e o global*. São Paulo: Alameda, 2023.